

A atualidade da palavra poética – modernismo e pensamento

The current relevance of the poetic word – modernism and thinking

André Vinicius Lira Costa¹

IFTO

Resumo: Qual a relevância do modernismo brasileiro hoje? Endereçaremos essa questão em um viés hermenêutico e poético-ontológico, buscando sublinhar o que permanece a ser pensado nas produções literárias dos modernistas. Para além do recente centenário da Semana de 1922 e dos debates historiográficos que se sucederam, este trabalho procura chamar atenção, numa perspectiva interdisciplinar, para o drama da linguagem na cultura contemporânea e sua tensão permanente com as consequências do desenvolvimento tecnológico. Partiremos do importante trabalho de Oswald de Andrade, *A crise da filosofia messiânica*, em busca de compreender a radicalidade do pensamento que dirigia sua produção – e com a qual, pensamos, ainda se pode aprender muito. Recorreremos a teóricos como George Steiner, Byung-Chul Han, Giorgio Agamben e a criadores da palavra como Manoel de Barros e Guimarães Rosa para observar a dimensão essencial e originária da palavra poética, a qual, defendemos, não só sustenta a produção artística, mas também articula qualquer referência de mundo da experiência humana no geral.

Palavras-chave: Poética; Hermenêutica; Modernismo brasileiro; Literatura; Linguagem.

Abstract: What is the relevance of Brazilian modernism today? We will address this question from a hermeneutic and poetic-ontological perspective, seeking to underline what remains to be thought in the literary productions of the modernists. Beyond the recent centenary of the Modern Art Week of 1922 and the historiographical debates that followed, this work seeks to draw attention, from an interdisciplinary perspective, to the drama of language in contemporary culture and its constant tension with the consequences of technological development. We will start with Oswald de Andrade's important work, *The Crisis of Messianic Philosophy*, in an attempt to understand the radicality of the thinking that drove his production - and with which, we believe, much can still be learned. We will refer to theorists such as George Steiner, Byung-Chul Han, Giorgio Agamben, and creators such as Manoel de Barros and Guimarães Rosa to observe the essential and originary dimension of the poetic word, which, we argue, not only sustains artistic production but also articulates any reference to the world of human experience in general.

Keywords: Poetics; Hermeneutics; Brazilian Modernism; Literature; Language.

Recebido em 03 de julho de 2023.

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

¹ Professor EBTT de Língua Portuguesa no IFTO (2014). Doutorando em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ). É Mestre em Poética pela Letras/UFRJ (2012). Concluiu a Graduação em Letras/Português-Literaturas pela mesma instituição em 2008, e a Licenciatura em 2013. Cursou parcialmente o Doutorado em Memória Social pela UNIRIO em 2013. Tem experiência na área de Letras e de Filosofia, com ênfase em Poética e Teoria Literária. Desenvolve sua pesquisa de cunho hermenêutico e poético-ontológico em torno das questões da morte, da técnica e da cibernética. Faz parte do NIEP (Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Poética).

Só e incerto é que o poema é aberto
e a Palavra flui inesgotável!
– Mário Cesariny, *Poesia (1944-1955)*

Introdução

Neste ano do centenário do marco inicial do movimento modernista no Brasil, diversas homenagens e balanços reconduzem essa escola literária ao centro das discussões. Familiar e ao mesmo tempo instigante para todo estudioso da literatura brasileira, trata-se de um tema, do ponto de vista conceitual e historiográfico, que ainda é bastante produtivo academicamente.

Não desejamos fazer aqui um acréscimo a esse viés de trabalho, mas apenas trilhar um caminho de pensamento poético que se desdobra a partir de uma questão: o que propõe o modernismo e como fazer jus a ele em um pensar-cuidar?

1. Modernismo, Oswald de Andrade e liberdade

Primeiramente, entendemos, em um horizonte hermenêutico-fenomenológico, que ao se falar em modernismo, não estamos diante de algo que se dá e manifesta por si mesmo. Não esbarramos com o modernismo na rua...! Mas qualquer estudante de literatura julgaria reconhecer minimamente seu aspecto. Como isso é possível? Naturalmente, há a bitola dos estudos literários, que, mesmo em suas iterações contemporâneas, conduzem e reconduzem o olhar para os aspectos sociais, biográficos, historiográficos ou contextuais do modernismo. Porém, qualquer uma das dimensões do modernismo só pode ser concebida a partir de um princípio originário, que é o real doando-se no obrar das obras de arte. Em outras palavras, é a obra dita literária que abre e faz convergir possibilidades de realização e intervenção no real, sendo uma delas a criação de conceitos, como o modernismo. Em que medida tais conceitos nos ajudam a caminhar rumo aos sentidos das obras ou a partir delas é já uma outra questão.

O esforço de ouvir e dialogar em liberdade com obras literárias, ou seja, o cuidar pensante-poético das mesmas é e sempre foi a tarefa do crítico e, por que não, a do professor-pesquisador de literatura. Se o que diz no modernismo brasileiro são as obras que o sustentam e re-con-figuram a referência daquilo que é o Brasil como cultura e arte, então, metodicamente, trata-se de auscultar aquilo que elas têm a dizer.

Em segundo lugar, que será, então, que almejaram os modernistas e o modernismo,

como um todo? Essa é uma pergunta de difícil resposta, pela diversidade e amplitude desse movimento. Pensemos no seguinte dito do poeta japonês Matsuo Bashô: “Não busco o que os antigos criaram, mas, sim, o que almejavam” (1997, p. 9). Deve-se, se seguirmos a intuição de Bashô, não buscar o já-feito e já-acabado, mas aquilo que pôde e ainda pode mobilizar o agir, a paixão. Essa postura nos lança numa bifurcação: podemos olhar para as obras poéticas dos modernistas e também para suas biografias e obras de pensamento.

Desse modo, um caminho se desanuvia a partir de suas próprias obras de arte, que buscaram desenvolver uma das possibilidades da linguagem, a qual, por sua vez, acenava com uma nova interpretação do que era e poderia ser o Brasil.

Um outro caminho, talvez mais habitual, consiste em ver na biografia dos próprios modernistas as ações e produções em que formularam mais claramente suas preocupações. Poderíamos rememorar a atuação de Mário de Andrade no Departamento de Cultura de São Paulo, os famosos *Manifesto da poesia pau-brasil* e *Manifesto antropofágico* e a tese de Oswald de Andrade, *A crise da filosofia messiânica*, submetida em concurso para lecionar filosofia na Universidade de São Paulo.

Mais explicitamente no último exemplo, vê-se um anseio de “[resolver] os problemas atuais do homem e da Filosofia” (1990, p. 73), transitando entre a Grécia Antiga, a União Soviética, a psicanálise, a teologia, a antropologia e o evolucionismo. Oswald de Andrade articula dialeticamente o existencialismo e o marxismo, o matriarcado e o patriarcado, a antropofagia e o messianismo, vendo uma promessa de emancipação humana numa síntese hegeliana que reconduzisse o ser humano às suas origens matriarcais e, assim, às suas formas sociais correspondentes, como o fim do Estado e da propriedade privada. Para tal, seria decisivo o papel da tecnologia para abolir o trabalho, as distinções de classe e emancipar o ser humano. Nesse ponto, aproxima-se da visão do genro de Marx, Paul Lafargue, que afirma, em seu *O direito à preguiça*, que “a máquina é: o redentor da humanidade, o Deus que resgatará o homem das *sordidae artes* e do trabalho assalariado, o Deus que lhe concederá os lazeres e a liberdade” (1999, p. 119).

Nessa obra de pensamento, Oswald de Andrade propôs uma nova utopia ou, ao menos, uma nova possibilidade para o ser humano a partir de condições históricas concretas que enxergara em meados do século passado. Retomando nossa questão inicial, pensamos que é exigido de quem pensa o pensamento e as obras de criação que cuide das

questões essenciais do ser humano diante de nossa época. Os tópicos formais e estéticos do movimento modernista já têm seu espaço de discussão. O necessário, enfim, para corresponder às provocações de pensamento das obras e criadores do modernismo, é entender o que está em jogo hoje.

2. Linguagem, tecno-logia e reflexões contemporâneas

Gostaríamos, então, de levantar a questão da palavra e da linguagem e oferecer algumas possibilidades de pensamento. Para isso, devemos considerar o que diz e faz pensamento. Em um discurso de formatura na Universidade de Arte e Design de Budapeste, o filósofo Byung-Chul Han atesta o que parece óbvio, mas, sendo óbvio, difícil de se enxergar: “O pensamento é a condição para a arte manifestar uma nova percepção, um novo mundo, um novo modo de vida” (HAN, 2022). Ou seja, sem pensar arte, não se abre qualquer possibilidade de transformação. Tal sentença opera em dois sentidos: sem pensamento vigoroso dos artistas, até se produzem coisas de arte, mas elas se estiolam em formalismos e modismos, sem fornecer um caminho inaugural no real e, assim, sem se incorporarem na vigência da memória de um povo. Por outro lado, sem o pensamento como condição para deixar as obras de arte falarem, o que imperará é o juízo, a opinião, a repetição do já-sabido massificado, os protocolos e burocracias acadêmicas e o exercício perpétuo da hipertrofiada subjetividade do sujeito.

Por que pensar? É possível pensar hoje? Deveria ser considerado com urgência se, em nossos cursos de formação de quaisquer níveis, propiciamos aos estudantes a possibilidade de pensarem ou só a necessidade de cumprirem créditos. Como se lançar em aprendizados sem aprendizagem, isto é, sem olhar o real i-mediato em nosso país – um que lembra o diagnosticado pelo crítico George Steiner há mais de cinquenta anos, na Inglaterra (STEINER, 1988, p. 11):

Determinadas pressões da política totalitária, da barbárie social, do analfabetismo e dos modismos têm minado o caráter da linguagem. (...) Coexistem, em um mesmo tempo e espaço, a “alta cultura” e a brutalidade política.

Por outro lado, talvez sempre tenham convivido “alta cultura” e brutalidade política, mas ainda se deve constatar a centralidade da linguagem na determinação das condições da vida humana e como, por sua vez, o esvaziamento da vida revela as condições vigentes da linguagem. Mais recentemente, também o filósofo italiano Giorgio

Agamben, retomando a questão das Musas e da música em Platão, observou a relação direta entre a música e a política (2016, p. 133ss.): caso a música vá mal, assim também irá o ser humano e a política.

Apesar da explosão dos estudos de linguagem ao longo dos séculos XX e XXI, não só as pesquisas não puderam reverter o que Steiner detectou como uma “crise da linguagem” (STEINER, 1988, p. 11), mas também assistiram ao seu agravamento. Uma explicação para isso é, pensamos, a de que “a linguagem é uma estrutura de fantástica complexidade e vulnerabilidade; ela provavelmente define a humanidade do homem. Onde quer que seja danificada, não é fácil restaurá-la” (STEINER, 1988, p. 11).

Desse modo, esta seria nossa tarefa: enxergar a vulnerabilidade da linguagem e pensar as possibilidades de sua restauração, sendo o caso. Mas o que ela é e como seria restaurada nesta época histórica? Quais são as consequências de uma tal debilidade da linguagem? Caberá de todo a nós restaurá-la por uma decisão subjetiva, por decreto? Será apenas falta de políticas públicas educacionais? Ou trata-se de um envio e um aceno históricos do ser a que podemos corresponder no pensar ou não? Essas são algumas das questões urgentes de nosso tempo, sobre as quais especialmente os estudantes deveriam se interrogar. Decerto, qualquer estudante de Letras que se interesse por literatura (todos?) precisa conjugar em si duas posições: a crença de que “a luz que temos sobre nossa condição essencial e íntima ainda é concentrada pelo poeta” (STEINER, 1988, p. 25) e a suspeita de que

O estudo e a transmissão da literatura sejam apenas de significado marginal, um luxo sentimental, como a preservação de antiguidades. Ou, na pior das hipóteses, de que possam prejudicar uma utilização mais urgente e responsável de tempo e energia do espírito (STEINER, 1988, p. 24).

Sem dúvida, essa é a acusação que se recebe ao mencionar a atividade de ler e pesquisar literatura. Apesar de todos os indícios, reforçados por toda a parte quando se aponta a inutilidade da arte e de seu estudo, pensamos que tal suspeita não proceda, pois há algo de essencial e decisivo na arte, a que o ser humano pertence.

No momento, voltemos à utopia tecnológica de Oswald e Lafargue. Como se atesta hoje, por todo o planeta, não só o progresso tecnológico não libertou o homem do trabalho assalariado, mas aprofundou sua alienação política e sua permeabilidade à ignorância. Não se trata de mau uso ou maus dispositivos tecnológicos, que não permitam uma formação ética e libertadora do ser humano (LIRA, 2019). Sem incorrer, contudo,

em qualquer tipo de ludismo tecnológico ou essencialismo, deve-se entender que a essência da tecnologia dis-põe todo e qualquer ente, inclusive o humano, como recurso a ser controlado, empregado e, ao fim, descartado. Como, então, pensar a palavra e a linguagem em uma dimensão em que já desde sempre são postas e dis-postas utilitariamente, inclusive nas universidades?

Bem, ao se falar sobre tecnologia, não a devemos entender meramente como um campo abrangente de processos e artefatos técnicos no qual a linguagem se insere como uma área ou objeto passíveis de estudo. Teríamos, nessa toada, a tecnologia aplicada à moda, à indústria, ao campo, ao ensino e enfim à linguagem. Para pensar a tecnologia fenomenologicamente, é necessário se abrir aos seus modos de manifestação para poder abri-los. Mas aquilo que se manifesta tecno-logicamente opera desde uma decisão sobre o sentido do ser e o sentido da linguagem. O que é só vale enquanto apreensível e controlável pela tecno-logia. Já linguagem, por sua vez, se reduz inteiramente à informação empacotada, seja no ato comunicativo humano, seja nos diferentes sistemas de informação e comunicação entre dis-positivos.

Tal enquadramento tecno-lógico possui outra faceta notável que é a imperiosidade das atualizações dos suportes instrumentais. Gostar de vinis, por exemplo, pode ser uma decisão subjetiva central para quem a toma, mas ela vai de encontro a uma norma instaurada pelo progresso tecnológico: não se ouve mais música assim. O mercado atribui a esse comportamento marginal um rótulo: *vintage*. Qualquer mudança de paradigma, dentro desse horizonte de imposição tecno-lógica, só ocorre para tornar o sistema supostamente mais eficiente (e mais financeiramente controlável e explorável).

Até aqui tais reflexões podem parecer enigmáticas. Elas buscam, precisamente, recuperar o lugar do enigma na constituição do pensamento, enquanto algo que é concretíssimo e muito próximo. O modo de ser do humano na linguagem é algo espantoso. Contudo, raramente nos damos conta de todo o âmbito da pertença do ser humano à linguagem, até pela compartimentalização disciplinar a que se habitua nas universidades. Também raramente nos damos conta, como explicitamos aqui, de que tipo de problemas emergem quando a linguagem se uniformiza e, ao mesmo tempo, se torna uma ferramenta.

Em não sendo uma ferramenta, porém, que será a linguagem? A possibilidade de formação de qualquer língua é dada pela linguagem. Mas esta, por sua vez, não está encerrada na cognição humana. Nem, talvez, seja exclusivamente um atributo humano,

como tanto se interpretou sobre a famosa definição grega, *zoon logon ekhon*. Para que algo seja, é necessário ter-se dado como linguagem, enquanto o mostrar-se que se diz e o dizer-se que se mostra. Nesse âmbito, linguagem é uma dimensão do ser a partir da qual e na qual o ser humano faz a experiência originária da palavra. Palavra, como diz sua origem grega, *para-ballein*, é um lançar-se no entre do ser. Nas palavras de Martin Heidegger, “o reino vigoroso da palavra consiste em dizer, isto é, em mostrar, em trazer para um aparecer a coisa como coisa” (2003, p. 187). Na conversão metafísica da palavra em signo e, ao cabo, em informação, ela é abstraída à última potência. Assim, se a essência da tecnologia toma a linguagem como informação, toda palavra reduz-se a um deixar-vir de algo como informação e um mostrar o que é enquanto informação, sem permitir, então, a cada diferente revelar sua diferença e multiplicidade. Ou seja, sem a possibilidade da palavra emergir como criação e não como repetição repetidora.

Mas e o que fazer com isso? Qual a utilidade desse pensamento? Ora, buscamos defender o vigor da palavra na constituição poética do ser humano no real. Questão, desse modo, atualíssima e ao mesmo tempo estranhíssima, visto que se há algo distante, a princípio, da experiência i-mediata de todos é que, num contexto ultraliberal e de exploração máxima da força de trabalho, o ser humano seja poético e esteja no poético, e não seja apenas realização técnica, peça num sistema eficiente. Diz Guimarães Rosa, em sua famosa entrevista a Günter Lorenz, que:

O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação (LORENZ, 1973, p. 80).

Que haja dimensões e atividades do ser humano para além do tecno-científico, isso não é uma novidade. Porém, a questão está em ver, como nessa última formulação, que o eficiente, o lógico, o técnico já estão assumidos como centro: “para além do...”. Sem dúvida, quando buscamos “defender” a literatura em qualquer contexto, trata-se de uma postura reativa, para mostrar que, afinal, ela “também” tem o seu lugar. A esta peleja também se somam as outras artes, a filosofia, talvez as humanidades em sentido amplo. Heidegger inverte a referência entre o funcional e o poético, no contexto da filosofia – o que, neste caso, é o mesmo das artes (HEIDEGGER, 1999, p. 43):

Está pois certo e na melhor ordem dizer-se que “com filosofia nada se pode fazer”. O errado seria pensar, que, com isso, terminou o juízo sobre a filosofia. Pois sobrevém-lhe ainda um pequeno acréscimo na forma de uma contra-pergunta: se nós nada poderemos fazer com filosofia, acaso a filosofia também não poderá fazer alguma coisa conosco, contanto que nos abandonemos a ela?

Poderíamos perguntar, assim, o mesmo das artes e, portanto, da literatura, ou até do ensino de literatura. Voltando à fala de Guimarães Rosa, o surpreendente é que, sem excluir o lugar e as vantagens da *episteme*, enquanto co-nhecimento racional, o humano pertence de modo mais essencial ao *gignomai*, enquanto saber por co-nascer com ou por algo. Pelo liame de *logos*, *poiesis* e *gignomai*, pode-se agir em qualquer empenho e desempenho, inclusive no epistemo-lógico. Quando Rosa diz “devolver à palavra seu sentido original” e “meditar sobre a palavra”, não está defendendo uma simples atividade filológica que pudesse conservar e delimitar o significado abstrato de uma palavra qualquer. Por outro lado, também não se entenda aí apenas o sentido da atividade do poeta – ainda que, se pudéssemos ao menos reconhecer nesse cuidado essencial com a palavra o horizonte das criações artísticas, já seria um grande passo. Entendemos que nessa “meditação devolutiva”, acionada muitas vezes pela obra poética (mas não apenas), há o encontro com aquilo que nos é mais próprio, que quase sempre se soterra no que Heidegger (2005) formulou como o im-pessoal, *das Man*. Apropriar-se do próprio significa lançar-se no confronto de que o que se é está em jogo, em risco, mas que há um quinhão de possibilidades existenciais singulares e pertinentes a cada um. Na palavra banalizada, impensada, desgastada no uso cotidiano, reduzida à comunicação e extraída da experiência do ser, isso não é possível, porque nos permite acesso apenas ao genérico, ao indiferenciado, ao descartável, ao pertinente a todos porque em nenhum cabe.

Se há palavra, se está falando da morada poética do ser humano na terra. A partir da consolidada diferença entre linguagem literária e não-literária, ainda presente nos manuais de teoria e nos livros didáticos, relembremos aqui uma provocação de Heidegger, ao dizer que “poesia nunca é propriamente apenas um modo (melos) mais elevado da linguagem cotidiana. Ao contrário. É a fala cotidiana que consiste num poema esquecido e desgastado, que quase não mais ressoa.” (2003, p. 24). A aproximação entre Heidegger e Rosa nesses trechos é clara. Nesse “poema esquecido e desgastado” está em jogo, na verdade, todo nosso destino histórico. Não cuidar do poema que falamos ou dos que escutamos nas obras literárias tem consequências quase indetectáveis, mas existem:

Quando um médico trata erradamente uma série de doentes, há o perigo de a vida deles correr perigo. Quando um professor interpreta um poema para os seus alunos, de um modo inadequado, ‘nada acontece’. Mas talvez seja bom falarmos, aqui, cautelosamente: dá a impressão de que nada mais acontece, quando não reparamos na questão acerca da coisa e na interpretação insuficiente do poema. Um dia – talvez de aqui a cinquenta ou cem anos – acontecerá, não obstante, qualquer coisa. (HEIDEGGER, 1992, p. 58)

Inevitável não lembrar do conto de Rosa, “O espelho”, em que o narrador enuncia que “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (1972, p. 71). O real, poético e inaugural em sua essência, nunca cessa de se instalar, mesmo que sub-repticiamente, estando além das pretensões representacionais da consciência, da subjetividade, da racionalidade ou da vontade humanas.

Co-responder, numa con-sideração de pensamento, aos modernismos e modernistas, ou a qualquer estilo e artista de qualquer época, exige enxergar no estado de coisas da palavra e da linguagem a preocupação determinante. Por sua vez, qualquer mudança na interpretação da linguagem em uma época acompanha uma mudança na compreensão de ser. Por último, quem se com-põe de questões e seus encaminhamentos é justamente o ser humano. Na questão da palavra, pois, se dá o destino do homem e o modo como tudo aquilo que é e existe pode se dar ou não.

A questão candente, que atravessa, a nosso ver, o esgotamento do projeto moderno é o esvaziamento da palavra: reduzida a instrumento comunicativo e repisada pelas tecnologias da informação, também, no plano literário, se viu diante de um impasse formal, como atribuiu Manuel Antônio de Castro ao modernismo (CASTRO, 1994, p. 176-177). O que se deve considerar, assim, é como uma experiência de palavra meramente técnica e formal desvela uma sociedade funcional, alienada nas distrações e na imposição da rapidez dos processos de produção e consumo. Nesse contexto, que poderia então o ser humano além de comunicar para se expressar infinitamente, sem rumo, com uma “palavra ao ponto de osso,/ do oco; ao ponto de ninguém e de nuvem” (BARROS, 1990, p. 206)? Que poderia a arte além de oferecer experiências estéticas, incapaz de mundificar e edificar o lugar próprio e concreto do ser humano?

O real, contudo, não é apenas funcional. Realiza-se de modos inesperados. Notamos que cada dia se dá, está acontecendo em todo instante, de inúmeras formas. Uma fruta antes ignorada se revela saborosa. Uma viagem de férias muito aguardada embola-se rapidamente no tédio. Um amigo vira as costas sem explicação. Uma grande oportunidade advém de um bate-papo na fila do mercado. Enquanto isso, os objetos da

técnica permanecem fiéis e confiáveis, desempenhando sua função e nos convidando para seu *ethos* regular e matemático, assumindo formas mais sedutoras e integradas para (supostamente) atender nossas necessidades.

Mesmo num contexto altamente tecnológico, a palavra permanece capaz de poetizar, motivo pelo qual ainda se produzem obras poéticas – nem a literatura, nem a arte morreram. Mas, mais essencialmente, a palavra poetiza porque ao poético pertence o ser humano, nele habitando, mesmo que des-cuidadamente. As obras poéticas possuem não uma utilidade, mas o sentido essencial de mostrar aquilo que nos é próprio, sendo uma im-precisa navegação nas questões que dizem respeito a nós todos, sendo democrática porque se dá na dimensão da essência do humano:

Encarada em sua essência, a arte é uma sacração e um refúgio, a saber, a sacração e o refúgio em que, cada vez de maneira nova, o real presenteia o homem com o esplendor, até então, encoberto de seu brilho a fim de que, nesta claridade, possa ver, com mais pureza, e escutar, com mais transparência, o apelo de sua essência. [...] (HEIDEGGER, 2001, p. 39).

Ao sagrar e consagrar o que existe, a arte remove a palavra da banalidade funcional-comunicativa e, com isso, pode fazer o mesmo com o humano. Ela deixa de veicular e representar discursos e ideias pré-existentes para constituir espaço-tempo e revelar o real como algo de fato existente. Desse modo, a linguagem revelada na e enquanto obra não é um veículo. Ela mesma é toda dizer singular, que mostra e opera verdade, sem necessidade de paráfrase, ao contrário do genérico e do já estabelecido. Por outro lado, a singularidade do dizer que se diz na arte é enigmática, como o são as questões que constituem o viver. Sendo assim, é necessária uma abertura para acolher e cultivar suas possibilidades. De tal abertura fala Manuel Antônio de Castro, enquanto diálogo como horizonte da leitura:

Aprender é sempre tomar posse do que somos e ainda não temos mas existimos para chegar a ter. E como acontece tal experiência em relação às obras de arte e à arte? Dialogando com as obras de arte. [...] [O diálogo] não é uma decisão subjetiva. As obras de arte só falam se para com elas nos abrimos e assim deixarmos o diálogo acontecer. Essa é a atitude da leitura: deixar a obra falar. Ler do ponto de vista das obras poéticas é deixar a obra falar. Ler as obras poéticas é deixá-las falar. Elas solicitam de nós esse ato amoroso. [...] Esse, sem dúvida nenhuma, deve ser o principal motivo de toda leitura de obras poético/literárias. E lemos não por causa da escola nem por causa delas obras, mas de nós mesmos, pois somos os maiores interessados. Simples. São interesses onde se decide o nosso motivo de existir. Interessar-se é deixar-se tomar pelo ser na dobra (inter/entre), pois mais importante do que viver simplesmente é dar à existência um motivo de viver (CASTRO, 2010).

Na procura da questão da palavra, não serão novas metodologias de ensino ou paradigmas teóricos que restabelecerão, para um novo tempo, o poder da palavra. Não se sabe qual caminho nos levará a esse rumo, porém ainda pertencemos e pertenceremos essencialmente à palavra como gesto de presença. A experiência que as obras poéticas podem e continuam a suscitar e a dimensão poética do real apontam (e talvez aí esteja uma pista) para a necessidade de um educar poético, nos termos de Manuel Antônio de Castro (CASTRO, 2012; CASTRO; FAGUNDES; FERRAZ, 2014) e Kátia Rose Pinho (s/d; s/d), que é compreender que o ser humano está necessariamente em jogo, “consiste em ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem, é ser ele uma *ascensão* e um *declínio*” (NIETZSCHE, 2011, p. 22). Exige uma educação, pois, que não só reconheça a dimensão existencial trampolínica de cada um de nós, mas faça do viver uma poética, na qual o dizer concreto das obras de arte possa fazer eclodir e iluminar os caminhos do ser humano.

Considerações finais

Assim, a atualidade da palavra poética não se perfaz por um novo estilo de época ou tendência do “mundo literário”, nem porque a literatura tenha, ocasionalmente, algo a nos ensinar. Se há algo que permanece no modernismo, é o que suas obras têm a dizer, ou seja, a atualidade da palavra que nelas ressoa. Caso as palavras não atuem, nada há. Afinal, “a gente é cria de frases” (BARROS, 1990, p. 211).

A atualidade da palavra poética, que animou as obras dos autores modernistas, mesmo com suas limitações, se afirma na insistência da questão da palavra, que permanece exigindo ser pensada em um tempo de fuga ao pensar. Afirma-se, também, em toda e qualquer obra poética que obre, isto é, que descubra a seu modo a verdade daquilo que é. Isso porque atualidade, de atual, é ato, ação, movimento, paixão, dinâmica. Poderemos nos abandonar às obras poéticas e nos permitirmos ser atravessados por elas? Devem ser enquadradas como um objeto de estudo técnico e científico? Será que ainda saberemos e conseguiremos deixá-las agir? Pode ser que um caminho esteja nestes versos de Manoel de Barros (1990, p. 186):

– Você sabe o que faz pra virar poesia, João?
 – A gente é preciso de ser traste
 Poesia é a loucura das palavras:
 Na beira do rio o silêncio põe ovo
 Para expor a ferrugem das águas

eu uso caramujos
 Deus é quem mostra os veios
 É nos rotos que os passarinhos acampam!
 Só empós de virar traste que o homem é poesia...

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. La musica suprema. Musica e politica. *Che cos'è la filosofia?* Macerata: Quodlibet, 2016.
- ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BASHÔ, M. *Trilha estreita ao confim*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CASTRO, M. A. de. Ler e deixar a obra falar. Internet. 2010. Disponível em: <<https://travessia poetica.blogspot.com/2010/10/ler-e-deixar-obra-falar-prof.html>>. Acesso em 18 out. 22.
- CASTRO, M. A. de. Geração discursiva: o pós-moderno. In: *Tempos de metamorfose*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- CASTRO, M. A. de. Por um educar poético-originário. Internet. 2012. Disponível em: <<https://travessia poetica.blogspot.com/2012/04/ao-leitor-esteensaio-e-longo-mas-propoe.html>>. Acesso em 18 out. 22.
- CESARINY, M. *Poesia (1944-1955)*. Lisboa: Delfos, s/d.
- HAN, B.-C. *Philosopher, Culture Theorist Byung-Chul Han's Commencement Speech*. 2022. 35 min, son., color. Disponível em: <<https://youtu.be/pkbREfaqmJ4>>. Acesso em: 13 out. 2022.
- HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- HEIDEGGER, M. A palavra. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, M. *Que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70, 1992.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Vol. I. 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora UNESP; Editora Hucitec, 1999.
- LIRA, A. *O poético como princípio da técnica*. 2019. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LORENZ, G. W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. São Paulo: E. P. U., 1973.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PINHO, K. R. Educação: uma questão poética. Mimeo. s/d.

PINHO, K. R. Educação poética. Mimeo. s/d.

ROSA, G. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio; Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972.

STEINER, G. *Linguagem e silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.